

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PSICOLOGIA**

**KARINA MORAIS DE AZEREDO**

**O SENTIMENTO *INQUEERETANTE* NA  
CISHETERONORMATIVIDADE À LUZ DA PSICANÁLISE**

**GOIÂNIA  
2022**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

## **TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### **1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)**

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Karina Morais Azeredo

Título do trabalho: O SENTIMENTO INQUEERETANTE NA CISHETERONORMATIVIDADE À LUZ DA PSICANÁLISE

### **2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [ X ] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>**

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

#### **Casos de embargo:**

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;

- Publicação como capítulo de livro.

**Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Renata Leite Soares, Professor do Magistério Superior**, em 28/04/2022, às 08:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **KARINA MORAIS DE AZEREDO, Discente**, em 10/05/2022, às 06:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2824976** e o código CRC **B47881D3**.

KARINA MORAIS DE AZEREDO

**O sentimento *Inqueeretante* na cisheteronormatividade à luz da  
Psicanálise**

Monografia apresentada ao Curso de  
Psicologia da Universidade Federal de  
Goiás como requisito para obtenção do  
título de bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Leite  
Soares

GOIÂNIA  
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Azeredo, Karina Morais de

O sentimento Inqueeretante na cisheteronormatividade à luz da Psicanálise [manuscrito] / Karina Morais de Azeredo. - 2022. XLVI, 46 f.

Orientador: Prof. Dr. Renata Leite Soares.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Psicologia, Goiânia, 2022.

1. Psicanálise. 2. Inquietante. 3. Inqueeretante. 4. queer. 5. cisheteronormatividade. I. Soares, Renata Leite, orient. II. Título.

CDU 159.9



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos doze dias do mês de abril do ano de 2022 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "O SENTIMENTO INQUEERETANTE NA CISHETERONORMATIVIDADE À LUZ DA PSICANÁLISE", de autoria de Karina Morais de Azeredo, do curso de Psicologia, da Faculdade de Educação da UFG. Os trabalhos foram instalados pela Profa. Dra. Renata Leite Soares, orientadora da FE/UFG com a participação do membro da Banca Examinadora: Profa. Dra. Priscilla Melo Ribeiro de Lima da Faculdade de Educação/UFG. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 7,5 ( sete e meio), tendo sido o TCC considerado APROVADO.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



---

Documento assinado eletronicamente por **Renata Leite Soares, Professor do Magistério Superior**, em 28/04/2022, às 08:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



---

Documento assinado eletronicamente por **Priscilla Melo Ribeiro De Lima, Professora do Magistério Superior**, em 28/04/2022, às 08:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



---

Documento assinado eletronicamente por **KARINA MORAIS DE AZEREDO, Discente**, em 10/05/2022, às 06:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2824953** e o código CRC **7218D1E7**.

À minha maravilhosa mãe, que com muito carinho, amor e trabalho dona Sílvia sempre foi aconchego e força, me apoiando e acreditando na minha jornada de vida. À minha magnífica e deslumbrante companheira de vida, minha namorada, Rafaella Brito, que através de muito carinho e amor partilhamos nosso caminho juntas nas travessias e aventuras da vida.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a mim, que através de muito trabalho e perseverança estou finalizando um longo ciclo que considerarei em outros momentos que seria inviável. Mesmo diante dos desafios que me atravessam, nestes dias percebo que sou capaz de caminhar e que este fim abre espaço para novos grandes inícios.

Agradeço a minha maravilhosa mãe que eu tanto amo, Silvia Morais, por tanto amor, amparo, apoio e carinho. Que durante toda a minha vida acreditou em meu potencial, mesmo que por vezes eu não acreditava. E mesmo diante de todas as intempéries vividas sempre foi aconchego e lar.

À meu pai, Carlos Azeredo, que apesar da longa distância que nos atravessa em poucos metros, eu o amo muito. Agradeço pelas boas condições de vida que tive durante minha infância e adolescência. Apesar dos impasses e silêncios, sei que há um bom afeto que ainda vive.

À minha maravilhosa namorada, que eu amo demais, Rafaella Brito, que todos os dias tenho vivido, sentido e aprendido sobre amar e ser amada com ela. Agradeço por partilhar a vida comigo, por caminhar juntas, por ser carinho, amor e cumplicidade no nosso cotidiano. Agradeço por me mostrar que o amor é bom e que vale muito a pena ser vivido com toda intensidade que se pode viver.

Às minhas grandes amigas-irmãs, Vitor Amorim e Claus Lima, que eu amo muito e que sou muito feliz em compartilhar a caminhada desde 2016. Mesmo que nos últimos tempos não fui tão presente, vivo um afeto enorme pelas duas, a qual levo comigo com muito carinho e amor.

À Diego Braga, minha grande amiga e veterana, que carrego comigo um grande afeto e compartilhamos os dias na Faculdade de Educação e fora da universidade.

À Samara Arantes, minha amiga veterana que esteve presente no percurso da graduação.

Às minhas grandiosas e queridas cunhadas e à meu co-cunhado, Tany Brito, Naty Brito e Pedro que sou muito feliz de tê-las em minha vida e que são maravilhosas(o) comigo. Sou muito grata por todo apoio e força nos últimos anos. Agradeço por serem grandes exemplos de força para mim e por estarem presentes nessa minha caminhada da vida.

À minha magnífica sogra e magnífico sogro, dona Cleusa e seu Assis, pelo afeto e aconchego. São grandes exemplos para mim e que sou muito honrada de tê-los comigo.

À minha querida analista, Amanda Lopes, a qual eu vivo um percurso analítico desde 2019 e que graças a esse grande trabalho tem sido possível atravessar questões caras a mim.

À Juliana Gonçalves e David Filho, que são meus primo-irmãos que eu amo muito e que apesar da distância atual, levo comigo com muito carinho.

À grande Livia de Paiva, amiga-irmã de longa data que amo muito, me ensinou xadrez, matemática e tantos outros aprendizados. Sou muito grata pela caminhada.

À minha amiga Bruna, que caminhou comigo em tempos difíceis antes de ingressar na Psicologia e que é um grande exemplo para mim.

À amiga de longa data e que sinto saudades, Virginia Pereira, a qual tive a honra de conhecer durante o curso de Arquitetura.

À toda equipe do SAFAM, especialmente a Lara César, a qual pude aprender muito sobre Psicologia Jurídica no Fórum Cível de Goiânia.

À professora Marilúcia, a qual foi um grande exemplo para mim no decorrer da graduação e pude aprender muito com ela.

À professora Priscilla, Gardênia e Elisa, as quais são grandes profissionais e que levo um imenso carinho e honra por ter sido aluna de grande doutoras.

À professora Renata, que tem caminhado comigo até o presente momento neste trabalho de modo muito atenciosa e respeitosa. Um grande exemplo de professora e orientadora que tive a honra de poder dialogar sobre psicanálise e outros assuntos pertinentes ao trabalho de conclusão de curso.

À Ocupa FE, que em 2016 aprendi muito sobre construir em coletivo, resistir e lutar pela educação.

À várias pessoas queridas que estiveram no meu caminho até o momento da minha jornada de vida.

Eu determino que termine aqui e agora.  
Eu determino que termine em mim, mas  
não acabe comigo.  
Determino que termine em nós e desate.  
E que amanhã, que amanhã possa ser diferente  
pra elas.  
Que tenham outros problemas e encontrem  
novas soluções.  
E que eu possa viver nelas, através delas e  
em suas memórias.

- Linn da Quebrada, em *Oração* (2019)

## RESUMO

Neste trabalho, realiza-se um estudo teórico conceitual acerca do conceito de inquietante elaborado por S. Freud em *Das Unheimliche* em 1919. A partir deste conceito e do diálogo entre a psicanálise e a teoria queer foi criado um neologismo, o *inqueeretante*, para compreender a relação entre o *inquietante* e a racionalidade da cultura cisheteronormativa, bem como os desdobramentos culturais, sociais e psíquicos que decorrem desta relação, e que tem como principal alvo os sujeitos queers. Aqui, discorre-se como o *inqueeretante* é pertencente, sobretudo, à uma determinada forma simbólica no âmbito da cultura que anula toda e qualquer forma de indeterminação. Por fim, é discutido a partir de autores contemporâneos o sentimento inquietante na contemporaneidade. O trabalho parte da perspectiva psicanalítica em diálogo com a teoria queer.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Inquietante; *Inqueeretante*; *queer*; cisheteronormatividade.

## ABSTRACT

In this work, a theoretical-conceptual study is carried out on the concept of disquieting elaborated by S. Freud in *Das Unheimliche* in 1919. From this concept and the dialogue between psychoanalysis and queer theory, a neologism, the inqueerant, was created to understand the relationship between the disquieting and the rationality of the Cisterenormative culture, as well as the cultural, social and psychological developments that result from this relationship, which has queer subjects as its main target. a certain symbolic form in the ambit of culture that cancels out any form of indeterminacy. Finally, it is discussed from contemporary authors the unquiet feeling in contemporaneity. The work starts from the psychoanalytic perspective in dialogue with queer theory.

**Keywords:** Psychoanalysis; unsettling; disquieting; queer; cisheteronormativity.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIACES**

**FE** - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás

**LGBTQIA+** - lsbicas, gays, bissexuais, pessoas trans, *queers*, intersexuais, assexuais e outras possibilidades de expressões sexuais e de gênero

**SAFAM** - Setor de Atendimento  Família do Fórum Cível de Goiânia.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>1. O SENTIMENTO <i>INQUEERTANTE</i></b>	<b>14</b>
1.1 CORPOS QUEERS: VIVÊNCIAS CONTRA-HEGEMÔNICAS	14
1.2 FUNDAMENTOS PSICANALÍTICOS ACERCA DO INQUEERTANTE	19
<b>2. <i>INQUEERTANTE</i> DISCUSSÕES CONTEMPORÂNEAS</b>	<b>29</b>
2.1 A LENDA DO CORPO ESQUISITO E <i>INQUEERTAÇÕES</i>	29
2.2 A URGÊNCIA DO SIMBÓLICO NA CULTURA CISHETEROMATIVA	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA</b>	<b>42</b>

## INTRODUÇÃO

Poder existir, para muitos, é um intenso ato de sobrevivência. Perpassa, fundamentalmente, questões básicas relacionadas à vida material como: alimento, casa e transporte. Assim, garantir a vida em tempos intensificados pelo neoliberalismo estreita as possibilidades de vida. Diante disso, questiona-se como as pessoas LGBTQIA+ atravessadas por aspectos performativos de gênero não condizentes a cisheteronormatividade permeiam os espaços sociais e quais são os espaços ocupados por essas pessoas. Quais condições materiais de vida dessas pessoas? E, quais espaços são ofertados e possíveis aos sujeitos queers?

É possível, por exemplo, uma mulher visivelmente sapatão se divertir em uma festa sem ser fitada com olhares denunciativos ou com deboches e insultos? Por que, especificamente, a cisheteronormatividade insiste em violentar sujeitos queers? Por que, por exemplo, é tão difícil encontrar travestis em um alto cargo de uma multinacional? As diversas violências são noticiadas pelos jornais, pelas redes sociais, pelo desemprego, pela falta de oportunidades, e, sobretudo, no discurso.

A cultura cisheteronormativa é imperativa e demarca rigidamente os corpos que podem e detém as condições de vida, ou seja, os corpos hegemônicos. E, também, os corpos que desejam que estejam à margem das oportunidades e da sociedade, os corpos contra-hegemônicos. Contudo, os sujeitos queers aparecem na sociedade, insistem em estar vivas(os) e, conseqüentemente, desencadeiam um afeto angustiante à cisheteronormatividade. Um afeto que incomoda, um afeto sem nome, que causa inquietação e estranheza. Em situações mais intensas, esse afeto desencadeia atos agressivos contra os sujeitos *queers*.

Embora dirigidos, prioritariamente, a esses sujeitos queers, esses afetos informam antes sobre a racionalidade presente, objetiva e subjetivamente, nas formas materiais e simbólicas produzidas e representadas pela cultura cisheteronormativa, que ignora, anula, apaga e violenta tudo o que remete a uma experiência de indeterminação e de não saber, suscitando nos sujeitos queers, paradoxalmente, o sentimento de que não deveriam estar nos espaços sociais.

A presente pesquisa tem o caráter de análise qualitativa. Foi realizada através de um levantamento bibliográfico com posterior análise dos textos. O referencial teórico que referência

este trabalho é a psicanálise. Em seguida, têm-se a análise dos textos. A pesquisa partiu-se de uma busca na plataforma Periódicos da CAPES e Google acadêmico com os descritores “performance de gênero” + “psicanálise”, “*queer*” + “psicanálise”, “inquietante” + “psicanálise”, “inquietante” + “*queer*”. A seleção dos textos foi realizada com base nos títulos e resumos, sendo selecionados apenas os artigos que discutem a temática do inquietante em sujeitos queers pelo viés da psicanálise. Ademais, as obras acadêmicas foram escritas em Língua Portuguesa, sem ressalvas quanto ao ano de publicação. Para a realização do primeiro capítulo, fundamentalmente utilizou-se das obras de S. Freud e C. Dunker. E, para as discussões contemporâneas acerca da temática realizada no segundo capítulo, foram utilizadas fundamentalmente as obras de T. Porto e V. Lima. Tem-se quanto aos objetivos gerais compreender o sentimento de inquietação da cisheteronormatividade em relação aos sujeitos queers. Quanto aos objetivos específicos são: (1) entender quem são os sujeitos queers enquanto corpos contra-hegemônicos; (2) compreender o inquietante para a psicanálise; (3) compreender a relevância do simbólico na cultura cisheteronormativa.

No primeiro capítulo, há um estudo minucioso acerca do ensaio *Das Unheimliche* (1919) de S. Freud para investigar o conceito de inquietante. Trata-se também neste primeiro momento o corpo queer enquanto um corpo contra-hegemônico e como isso reverbera na cultura.

Ademais, no segundo capítulo, é abordado o sentimento *inqueertante*, sendo um sentimento de angústia, majoritariamente para a cisheteronormatividade. Além disso, é elencada possíveis consequências desencadeadas por este afeto tão avassalador para esta cultura.

## **CAPÍTULO 1**

### **1. O SENTIMENTO *INQUEERTANTE***

#### **1.1 CORPOS QUEERS: VIVÊNCIAS CONTRA-HEGEMÔNICAS**

O corpo, a princípio, é evidenciado como um vasto terreno, o qual vivencia a inscrição da cultura e aspectos genealógicos que perpassam contextos históricos (BUTLER, 1990). Desse modo, a forma como se fala, tom de voz, modo de vestir, de andar, espaços permitidos e não permitidos são atravessados pelas narrativas culturais, pelas circunstâncias históricas e pelo modo de produção da vida material socialmente determinado.

Sendo assim, quando são estabelecidos os corpos possíveis de existir, ou seja, que gozam de uma gama de fatores que asseguram essas existências, são caracterizados como corpos hegemônicos. Estes sujeitos majoritariamente são reconhecidos como homens e mulheres cisgêneros<sup>1</sup>, brancos e heterossexuais<sup>2</sup>. Logo, os corpos que rompem com os paradigmas da lógica binária<sup>3</sup> de gênero e com a cisheteronormatividade<sup>4</sup>, de certo modo, são concebidos enquanto corpos contra-hegemônicos<sup>5</sup>.

No que se refere aos sujeitos contra-hegemônicos, há outros diversos corpos que rompem com a lógica dominante, contudo, especificamente neste trabalho, aborda-se os corpos contra hegemônicos limitando aos sujeitos que se identificam pertencentes à comunidade LGBTQIA+ e que possuem uma determinada expressividade política. Em outras palavras, são sujeitos em que a performance de gênero provoca furo<sup>6</sup> na cisheteronormatividade. Compreende-se que não se trata de categorizar e classificar os corpos contra-hegemônicos, deste modo, poderiam existir outros sujeitos que aqui não foram elencados. Portanto, dentro dos que aqui são elencados, também é possível uma posição contra-hegemônica que opera e resiste dentro dos princípios hegemônicos. Trataria-se, da importância de compreender o contra-hegemônico como a possibilidade de operar numa racionalidade outra, uma racionalidade que envolve permanentemente a possibilidade da transformação e do inaudito e, nesse sentido, também da existência do inquietante, da angústia.

Para tecer a respeito dos corpos contra hegemônicos em específico, é preciso compreender quem são os corpos LGBTQIA+ que demasiadamente inquietam a cultura dominante. Deste modo, a teoria queer é adequada e contribui amplamente para a discussão no intuito de explicar acerca dos corpos *queers*.

---

<sup>1</sup> De acordo com Jaqueline Gomes de Jesus (2012) cisgênero é um conceito que abrange as pessoas que se identificam com o gênero o qual foi determinado ao nascer. Deste modo, são as pessoas não-transgênero.

<sup>2</sup> Conforme o Dicionário Online de Português, heterossexual é um conceito que abarca as pessoas que sentem atração sexual e/ou afetiva pelo gênero oposto.

<sup>3</sup> Segundo Eloisio Souza (2010), compreende-se enquanto lógica binária, a concepção de que os gêneros sexuais humanos são divididos entre homem cisgênero e mulher cisgênero. Além disso, o binarismo de gênero impõe limites à concepção de gênero, pois reitera a impossibilidade de existir outros gêneros.

<sup>4</sup> Cisheteronormatividade caracteriza-se por corpos cisgênero e heterossexuais que os configura enquanto corpos pertencente a norma social de gênero. Deste modo, é também um “conjunto de relações de poder que normaliza, regulamenta, idealiza e institucionaliza o gênero, sexo e a sexualidade em uma linha ilógica e estritamente horizontal” (MORERA, 2017, p. 1306)

<sup>5</sup> Corpos contra hegemônicos não fazem parte da cultura dominante (hegemônica); são formas alternativas e opositoras de existir que variam historicamente nas circunstâncias reais; compõe formas de cultura alternativa ou opositora à norma. Os corpos contra hegemônicos abrangem experiências, significados e valores que não se expressam nos termos da cultura hegemônica (SANTOS; CORDEIRO, 2020).

<sup>6</sup> “o furo se apresenta como algo enigmático relacionado ao sentido, enquanto o efeito de sentido está ligado à palavra, permanecendo na fronteira entre o imaginário e o simbólico, o furo de uma ordem diferente ao sentido, é o vazio no sentido e vem situar-se entre o simbólico e o real” (MILLER, 2013).

Os corpos *queers* são reconhecidos pela experiência de um corpo político. Assim, para além das práticas sexuais, mas, também, reconhecidos como um corpo contra-hegemônico, um corpo que rompe com o regime de conduta e aspectos heteronormativos designados socialmente. Assim o termo *queer*, refere-se aos sujeitos que:

Corporificam a indefinição desconcertante de estar sempre transitando ou atravessando a fronteira que separa os gêneros e as sexualidades. Para além de desestruturar os binarismos, definições ou dicotomias de gênero, os corpos queer evidenciam a possibilidade do atravessamento constante destas fronteiras de gênero, ditas opostas. (CHAVES, 2015, p.4)

Deste modo, sujeitos *queers* são pessoas que rompem, de alguma forma, com a cisheteronormatividade e rejeita a concepção binária de gênero. Por vezes, não tem seu gênero respeitado e vivem diversas violências por experienciar os trans-itos<sup>7</sup> a margem do que usualmente é tido como gênero “saudável” ou “normal”. Mulheres trans, homens trans, transviades, viades não binaries<sup>8</sup>, viados, sapatões, sapatões não binaries, pessoas não binaries são alguns exemplos de corpos *queers*.

Em contrapartida, os corpos aceitos e legitimados pela cultura na sociedade ocidental sustentam a rigidez de processos identificatórios binários (homem cisgênero e mulher cisgênero), os quais são experienciados a partir de um regime normativo heterossexual compulsório (LIMA, 2017). Nesse sentido, a filósofa Judith Butler tece em *Problema de gênero* que a construção das normas binárias são constituídas, de modo forçado, pela ilusão de um suposto sexo natural, antecessor ao discurso, as quais são evidenciadas com base na performance generificada hegemônica.

Desta maneira, tal performance de gênero hegemônica é reconhecida por uma repetitiva série de gestos, discursos, comportamentos, e estilizações corporais que permanece somente enquanto aplicada (LIMA, 2017). Assim, Butler explicita que os sujeitos são produzidos binariamente exclusivamente enquanto são repetidos esses padrões discursivos, comportamentais e estéticos que impõe a elaboração e a legitimação dos sujeitos, dos corpos que são humanizados. Deste modo, a autora elucida performatividade como “uma reiteração das normas que precedem, constroem e excedem o performer” (LIMA, 2017).

Ademais, o processo histórico que introduz a teoria *queer*, perpassa inicialmente na segunda metade da década de 1980, opondo aos estudos até então acerca das minorias sexuais e

---

<sup>7</sup> termo que designa mudanças e deslocamento nas próprias formas de vivenciar o gênero.

<sup>8</sup> Termo escrito na linguagem neutra, troca-se “o” por “e”.

de gênero tal qual produzidos ainda naquele momento dentro da concepção cisheteronormativa. A teoria Queer iniciou-se nos Estados Unidos enquanto corrente teórica e conquistou reconhecimento a partir das conferências em Universidades da Ivy League. Durante os encontros, debatiam-se sobre a dinâmica da sexualidade e do desejo na organização das relações sociais enquanto objeto de investigação.

O diálogo entre a Teoria Queer e a Sociologia foi marcado pelo estranhamento, mas também pela afinidade na compreensão da sexualidade como construção social e histórica. O estranhamento queer com relação à teoria social derivava do fato de que, ao menos até a década de 1990, as ciências sociais tratavam a ordem social como sinônimo de heterossexualidade. (MISKOLCI, 2009, p.151)

Desta forma, havia uma concepção enraizada heterossexista no campo da Sociologia em que mesmo as pesquisas relativas às sexualidades não-hegemônicas, sustentavam e conservavam a naturalização heterossexual enquanto norma. Assim, os estudos *queers* emergiram do encontro entre uma corrente da Filosofia e dos Estudos Culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, que indagou conceitos clássicos do sujeito como a identidade e identificação.

A escolha do termo queer para se autodenominar, ou seja, um xingamento que denotava anormalidade, perversão e desvio, servia para destacar o compromisso em desenvolver uma analítica da normalização que, naquele momento, era focada na sexualidade. (MISKOLCI, 2009, p.151)

Além disso, havia um movimento na teoria queer em oposição ao sujeito cartesiano, ou seja, um sujeito que goza do conhecimento no sentido ilimitado do saber, colocando-o em xeque. A concepção de sujeito epistêmico pleno é amplamente questionada neste momento, pois este também é um sujeito psicológico, sendo assim, passível de imprecisões e equívocos. Deste modo, o sujeito psicológico anseia compreender a mesma realidade pela qual também é constituído, sendo, portanto, sujeito epistêmico e sujeito psicológico, portanto, também um sujeito histórico.

Em vista disso, ao passo em que o sujeito busca produzir um conhecimento da realidade, é possível se confrontar com a mesma. Portanto, pode velar e negar a mesma realidade na qual está inserido e a qual também constitui. Neste sentido, alguns autores da teoria queer, por mais que exista variações que sejam divergentes, afirmam que o sujeito no pós-estruturalismo é tido como provisório, circunstancial e cindido (MISKOLCI, 2009).

Para elucidar a respeito das primeiras obras que explicitam a teoria queer, Michael Foucault e Jacques Derrida elaboram conceitos e métodos para uma jornada teórica ambiciosa pelo caminho das Ciências Sociais:

De forma geral, as duas obras filosóficas que forneceram suas bases foram História da Sexualidade I: A Vontade de Saber (1976) e Gramatologia (1967), ambas publicadas em inglês na segunda metade da década de 1970. (MISKOLCI, 2009, p.152)

Com base nas obras acima, teóricos como David M. Halperin, Eve K. Sedgwick e Judith Butler começam a delinear análises sociais que resgatavam os estudos de Foucault. Ao pesquisar a sexualidade como um dispositivo histórico do poder que inscreve a sociedade ocidental moderna, estes teóricos identificam a implementação do sexo como ferramenta regulatória social. A teoria *queer* aponta “a centralidade dos mecanismos sociais relacionados à operação do binarismo hetero/homossexual para a organização da vida social contemporânea, dando mais atenção crítica a uma política do conhecimento e da diferença” (MISKOLCI, 2009, p.154).

A discussão sobre performance de gênero, desenvolvida pela teoria queer, é um convite desafiador à comunidade psicanalítica. Sobretudo, por ser uma temática tão emergente que atravessa conceitos fundamentais da teoria psicanalítica. Desse modo, Tania Rivera apresenta a concepção de performance para a psicanálise possibilitando, em alguma medida, o diálogo sobre performance de gênero. Rivera é Pós-doutora em Psicanálise pela UFRJ, venceu o Prêmio Jabuti de Psicologia em 2014 e trabalha em um campo fértil e multidisciplinar que abarca sujeito e cultura.

Ao discorrer sobre performance em O Averso do Imaginário (2015), a autora expõe este conceito a partir da própria concepção de sujeito. A autora afirma que “o sujeito, assim como o real, se faz valer de fora do espaço da representação, contra, ao mesmo tempo, ilusionismos e formalismos” (RIVERA, 2013, p.13). Desta forma, a autora indaga a realidade como ponto de partida para o mundo, semelhante a um olhar fixo e imutável.

Posta esta questão, Rivera dialoga com uma frase de Lygia Clark em que ela afirma “a casa é o corpo e o corpo é a casa”, onde a autora interpela a colocação ao dizer que o sujeito sente-se desconfortável no corpo, assim, a casa “abre-se para uma imprevisibilidade, um nomadismo, um trânsito que é o contrário da ideia de um lócus fixo e assegurador” (RIVERA, 2013, p.15).

A partir da concepção da autora, a performance é mutável e transitória. Portanto, é concebível evidenciar que há, assim, um caráter transitório sobre ser homem ou mulher e, por conseguinte, os processos identificatórios que são engendrados. Se o corpo se faz em trânsito, é potente considerar corpos para além da usual binariedade.

A autora denuncia a existência de uma “anestesia” atual em relação à performance onde “não basta a presença do corpo para que a verdadeira questão do sujeito se coloque.” Rivera aponta que a performance deve expor um viés poético que se “engate na fugidia condição do sujeito na contemporaneidade” (RIVERA, 2013, p. 15).

Deste modo, é oportuno pontuar que os corpos são percebidos e reconhecidos a partir de identificações que ora são endossadas e valorizadas socialmente, ora soam como corpos estranhos, que estão à margem das identificações esperadas socialmente. Ou seja, os corpos que não performam uma suposta cisheteronormatividade (que experienciam a performance de gênero hegemônica, por vezes, “anestesiada” de regras) calcada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo, sofrem diversas violências por não permanecer dentro das normas de gênero esperadas. Logo, é perceptível a existência de uma relação de poder entre as performances de gênero (BUTLER, 2008).

Dado que as performances de gênero hegemônicas são atravessadas pela cultura cisheteronormativas, os sujeitos experienciam, em certa medida, o sentimento *inqueeretante*. Ou seja, vivem os afetos em relação aos corpos LGBTQIA+ enquanto sentimentos que despertam horror, medo, estranheza, ódio, repulsa, ironia, sendo capaz de exercer diversas violências contra esses corpos. Ressalta-se que o sentimento *inqueeretante* advém das próprias imperfeições da cultura cisheteronormativa em não simbolizar satisfatoriamente a experiência que corpos queers representam em não estabelecer as rígidas barreiras da binariedade. Não raramente, a estranheza em não conseguir dar nome é observada por diversas vezes em pessoas cisheteronormativas quando as mesmas entram em contato com as próprias abjeções<sup>9</sup>.

Ou seja, o sujeito cisgênero, de algum modo, procura se distanciar do sentimento de horror quando entra em contato com um corpo queer. Assim, quando o contato com a diferença acontece, resulta de modo inaceitável. Pois, para constituir-se aos moldes hegemônicos o próprio sujeito em um determinado momento foi preciso negar, expelir, subjugar o que culturalmente é reconhecido como diferente ou estranho.

## 1.2 FUNDAMENTOS PSICANALÍTICOS ACERCA DO INQUEERTANTE

---

<sup>9</sup> Kristeva (1980) define a abjeção como o movimento que traça as fronteiras entre o eu e o outro. Contudo, esta mesma tentativa de exclusão do que é estranho, ou seja, da ordem do horror, habita e compõe o sujeito. O abjeto é compreendido como um componente intolerável, algo que constitui o "eu" para vir a ser uma espécie de “não-eu”.

Freud inicia o texto “O inquietante” de 1919 apontando que “é raro o psicanalista sentir-se inclinado a investigações estéticas, mesmo quando a estética não é limitada à teoria do belo, mas definida como teoria das qualidades de nosso sentir”, e acrescenta, “pode ocorrer, que ele (o psicanalista) venha a interessar-se por um âmbito particular da estética, e então este será, provavelmente, um âmbito marginal, negligenciado pela literatura especializada na matéria”. Isso porque, para Freud (1919), poucos psicanalistas “lidam com as emoções atenuadas, inibidas quanto a meta (...), que geralmente constituem o material da estética”. (FREUD, 1919, p. 329). O autor ao elencar esta observação, tomada neste trabalho, à luz de nosso tempo, possibilita a abertura para pensarmos a falta de produções acerca da temática de corpos que provocam o sentimento do inquietante, ou quando abordados, muitos são representados enquanto anormal ou/e enfermo.

No Brasil, há traduções distintas acerca do título da obra freudiana *Das unheimliche*, na qual a edição de 1976 da editora Imago tem-se a tradução de “O estranho”, na edição de 2019 da editora Autêntica, o título é apresentado como “O infamiliar” e na edição de 2010 da Companhia das Letras o trabalho é intitulado como “O inquietante”. A diversidade do termo é dada pela insuficiência de tradução<sup>10</sup> tematizada na obra. No decorrer da monografia trago a familiaridade com o termo inquietante para referir a *Das unheimliche*.

Freud relaciona o inquietante ao campo do que é aterrorizante, que provoca angústia e horror. Deste modo, o psicanalista investiga este ponto por dois caminhos sendo o primeiro deles a multiplicidade da língua no tocante a palavra *unheimliche* e o segundo a partir de impressões de sentidos, vivências e situações que provocam o sentimento do inquietante. O autor, neste momento, expõe que independente do caminho “o inquietante é aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é bastante conhecido” (FREUD, 1919, p. 331).

O psicanalista Christian Dunker em sua produção audiovisual “Das Unheimliche, o infamiliar” fornecida pela plataforma digital *Youtube*, brevemente elucida acerca das séries de oposições que S. Freud busca compreender acerca do termo em questão. Assim, “o familiar” pode estender-se tanto à noção de “casa”, “intimidade”, e se opor a “floresta”, a “rua”, ao “estrangeiro” e ao “público”. Mas também o *heimliche* refere-se a “confiança”, “proximidade” e que, portanto, se opõe à “distância”.

---

<sup>10</sup> Freud na primeira nota de rodapé de *Das Unheimliche* explicita que “por razões que ficarão evidentes no próprio texto, é desnecessário chamar a atenção do leitor para a insuficiência da tradução deste termo, que também é título do ensaio” (FREUD, 1919, p.329)

Na terceira série de oposições, coloca *heimliche* (familiar) ao lado do “que permanece oculto”, “pertence a alguns” e *unheimlich* ao lado do que é “revelado surpreendentemente para todos”. Na quarta oposição, o familiar aparece ao lado do “vivo”, do “animado”, do “humano”. E, por fim, o infamiliar do lado do “morto”, do “inumano”. “Quando S. Freud investiga essas oposições, geralmente há um termo que parece derivar de um lado para o outro e de um lado para o outro lado de tal maneira que a relação entre os dois se desestabilizam ou indeterminam.” (DUNKER, Das Unheimliche, O infamiliar, *youtube*, 2019).

Deste modo, S. Freud observa que a palavra *heimliche* abarca uma gama de significados onde corresponde também a *unheimliche*. Portanto, o autor conclui que “*unheimliche* seria tudo o que deveria permanecer secreto, oculto, mas apareceu” (FREUD, 1919, p. 338). Assim, *heimliche* é uma palavra que perpassa uma certa ambiguidade indo de encontro ao seu oposto. Logo, *unheimliche* em certa medida é também *heimliche*.

Freud inicia este segundo momento do texto narrando a história do “homem da areia” escrita por Hoffmann. O enredo inicia com as lembranças da infância do estudante Nathaniel, que tem uma significativa dificuldade de distanciar as memórias relacionadas à misteriosa morte de seu querido pai. Em determinadas noites, a mãe alertava para as crianças irem dormir cedo com a seguinte frase: “o homem da areia vem aí!”. Quando a mãe foi questionada sobre o homem de areia ela negou sua existência, contudo a babá informou que era um homem ruim que surgia quando as crianças não queriam ir para a cama à noite. Então, esse homem joga areia nos olhos das crianças não obedientes, eles saltam para fora, e o homem de areia guarda os olhos em um saco e oferece a seus filhos que têm bicos redondos semelhantes a de corujas.

Apesar de que Nathaniel já estivesse em uma idade o suficiente para não temer a história do homem da Areia, o medo ainda assim se fixou. A criança resolveu investigar que aparência tinha este homem e se escondeu no escritório do pai. Assim, observou a presença da visita do advogado Coppelius, uma pessoa não muito estimada e que geralmente as crianças fugiam deste homem. Logo, Nathaniel associa Coppelius com o temível homem da areia. O autor deixa indefinido, neste ponto da narrativa, se foi um delírio do garoto por causa do medo, ou se foi uma descrição real no percurso da história.

O pai e o visitante estavam entretidos com o forno flamejante, e o pequeno ao espiar a cena ouviu Coppelius “olhos aqui, olhos aqui”, então o menino gritou e foi agarrado pelo visitante que insistia em colocar parte de brasa nos olhos de Nathaniel. Então, o pai intercede pela

criança que encerra a cena com um desmaio e uma longa doença. Um ano depois, Coppélius retorna a casa em uma visita, o escritório do pai explode, o mesmo morre e o advogado desaparece sem conceder pista alguma.

Neste ponto da narrativa, Nathaniel sendo um jovem universitário, começa a associar a figura do homem da areia a um ótico ambulante chamado Coppola, do qual comprou um binóculos de bolso. O estudante ocasionalmente observava o apartamento do professor Spalanzani, e atentamente observava Olímpia, a imóvel filha do professor. O rapaz apaixonou-se por Olímpia e esquece da moça a qual estava noivo. Contudo, Olímpia era uma boneca engenhosa do professor em que ele fez as engrenagens e Coppola, o ótico, colocou os olhos. O estudante surge quando os mestres dialogavam acerca da boneca, Coppola sai com Olímpia sem os olhos, Spalanzani atira em Nathaniel os olhos ensanguentados de Olímpia e o rapaz tem novo ataque de loucura. Neste momento, Nathaniel lança-se sobre o professor na tentativa de enforcá-lo.

Em outro momento, reencontra a noiva em que pensara em desposar e sobem a uma torre da cidade e novamente o rapaz é tomado por um ataque de loucura e tenta jogar a senhorita de cima da torre. O irmão da mesma, que já aguardava em baixo, salva a jovem garota enquanto o estudante observa lá do alto a misteriosa aparição de Coppélius. Então, o jovem se joga do alto e morre na calçada enquanto o advogado misteriosamente sai da multidão.

Após a breve síntese da narrativa, Freud observa que a noção de incerteza intelectual não colabora para a compreensão do sentimento do inquietante, pois o sentimento do inquietante está diretamente ligado à ideia de ter os olhos roubados. Segundo o psicanalista, o medo de machucar ou perder os olhos é uma angústia infantil. Nos estudos dos sonhos, Freud observa que o receio de perder os olhos é regularmente associado ao medo da castração. Além disso, o homem de areia surge nos momentos em que algo desestabiliza o sujeito em relação ao objeto de amor como, por exemplo, a morte do pai, a separação com a noiva e quando o seu melhor amigo, seu cunhado, destrói seu segundo objeto de amor que é a boneca e, por fim, o leva ao suicídio.

Neste sentido, é possível atribuir a figura do homem de areia ao temido pai que desencadeia, assim, a intensa angústia referente ao complexo infantil de castração. Outro ponto significativo da narrativa é a boneca Olímpia que era percebida pelo jovem como uma pessoa real, sentimento este que foi favorável a induzir uma incerteza intelectual de que tal objeto era um

ser vivo ou inanimado. Assim, o autor observa que a origem do sentimento inquietante partiria não de uma angústia infantil, mas de um desejo ou crença infantil.

No tocante aos efeitos que o sentimento inquietante provoca, Freud (1919) investiga o desenvolvimento e as gradações do “duplo” ou “sósia”. Essa concepção surge vinculada à compreensão do narcisismo primário, que abarca a vida psíquica infantil onde o Eu ainda não é bem demarcado em relação ao mundo externo, e com a transição dessa fase, o duplo tem seu significado inverso: do sentimento antigo que levava à preservação do Eu passa a ser algo terrível e ameaçador.

O autor acrescenta também ao sentimento do inquietante o retorno não intencionado que resulta no sentimento de desamparo, desta forma, desencadeando uma compulsão à repetição. Assim, o desamparo em certa medida se vincula ao animismo e à compulsão à repetição, pois o animismo está ligado não apenas a castração, mas também aos desejos do sujeito. Isto posto, Freud exprime sobre o animismo:

“O animismo, que se caracterizava por preencher o mundo com espíritos humanos, pela superestimação narcísica dos próprios processos psíquicos, a onipotência dos pensamentos e a técnica da magia, que nela se baseia, a atribuição de poderes mágicos cuidadosamente graduados a pessoas e coisas estranhas, e também por todas as criações com que o ilimitado narcisismo daquela etapa de desenvolvimento defendia-se da inequívoca objeção da realidade” (FREUD, 1919, p. 359)

Desta forma, o inquietante integraliza os restos de atividade psíquica animista no sujeito e incentiva sua manifestação. Para a psicanálise, afirma Freud, todo afeto advém de um impulso emocional, e a angústia é desencadeada através da repressão. Sendo assim, em um primeiro momento, Freud elenca no ensaio *Das Unheimliche*, a hipótese de que o elemento angustiante seria supostamente um conteúdo reprimido que retorna. No entanto, no terceiro momento da obra, o psicanalista coloca em cena outro fator fundamental para suscitar o sentimento inquietante como a compulsão à repetição.

Desta forma, de início, o sentimento inquietante é relativo a *heimliche* (familiar) que torna-se o seu oposto *unheimliche* (infamiliar), pois este não é um sentimento novo, mas sim significativamente próximo e familiar ao sujeito e que a partir de um processo de repressão afastou-se. Assim, o inquietante é algo que deveria permanecer oculto, mas apareceu” (FREUD, 1919, p. 360).

C. Dunker no posfácio do livro *O infamiliar obras incompletas de S. Freud* da editora Autêntica, contribui para a discussão do sentimento inquietante. Inicialmente, o psicanalista

expõe o resgate de S. Freud a *Totem e tabu*, sendo que o principal impasse à compreensão do inquietante, perpassa a função totemista e animista na obra freudiana. Ademais, há uma antecipação à *Além do princípio do prazer (1920)*, quando o autor aponta a repetição da angústia como um prenúncio sobre a nova teoria das pulsões.

O psicanalista Christian Dunker ao enunciar sobre o sentimento do inquietante sugere a insistência dos pensamentos onipotentes como uma condição simbólica insuficiente no sujeito, deste modo, persiste a ideia de que o pensamento opera para além dos fatos na realidade. Assim, o inquietante, sobretudo um sentimento, refere-se ao mesmo ciclo entre o sentimento de si e do real, ao qual o autor elucida como autoestima. Desta maneira, se compreendermos os sentimentos de experiência social como reconhecimento intersubjetivo de afetos, estímulos e pulsões, o que é tido como familiar desencadeia, comumente, uma espécie de modelo de sentimentos.

No início da obra, *Das Unheimliche*, assemelha-se a um sentimento substantivo, estabelecido pela associação de estados de afetos na realidade, contudo, à proporção que o ensaio avança, amplia a concepção de que corresponderia a um efeito da transformação da realidade dada como um processo (DUNKER, 2019). Deste modo, a experiência do inquietante perpassa três indeterminações sendo a primeira uma conexão entre o que é novo e estranho. A segunda exprime a incerteza intelectual e a terceira implica na perda do sentimento de pertença ou crença na realidade. Essas três indeterminações dispõem de uma estrutura, a qual percorre “do infantil para o adulto, do neurótico para a superação do animismo narcísico e do familiar para o infamiliar” (DUNKER, 2019, p.145).

O autor apresenta também duas estruturas antropológicas presentes em *Das Unheimliche*, o totemismo e o animismo. O primeiro é responsável pelas raízes civilizatórias, pelo surgimento da lei e rituais. Além disso, permanece no sujeito neurótico em conjunto com o complexo paterno abarcando a ordem de reconhecimento social. O segundo, é um modo de estabelecer provisoriamente o pensamento infantil, este necessariamente precisa ser abandonado e substituído pela crença na realidade desencantada (DUNKER, 2019).

S. Freud elucida a questão ao afirmar que “quem, pelo contrário, livrou-se de forma radical e definitiva dessas convicções animistas, ignora o inquietante dessa espécie” (FREUD, 1919, p. 369). Ou seja, neste trecho de *Das Unheimliche*, o autor reitera que o sujeito que superou a fase pré-simbólica, marcada por um animismo mágico, através da simbolização, passa a

compreender perspectivas outras relativas à realidade material sem que presencie o medo do inquietante.

Em vista disso, Dunker demonstra a hierarquia presente nesta passagem da obra freudiana entre totemismo e animismo pela perspectiva do progresso da razão, de modo comteano, que marcaria as fases do pensamento humano em *Das Unheimliche*. Inicialmente, tem-se o animismo mágico, em seguida as religiões monoteístas e, por fim, a Ciência. Deste modo, o totemismo abarcaria uma função organizadora da sociedade e o animismo estaria ainda na ausência desta função.

Portanto, a menção ao totemismo abarca um meio de difundir a lei simbólica, ao animismo permanece a relação pré-simbólica entre o pensar, o real e o mundo. Desse modo, para Dunker, a diferença entre ambos não se reduziria ao animismo anteceder ao totemismo, dado que as duas configurações dispõe de propostas de laço social, dinâmicas de sacrifício e restituição, que são capazes de conviver de modo desassociado em uma mesma comunidade (DUNKER, 2019).

S. Freud ao realizar a análise do conto “O homem da Areia” apresenta em sua teoria a repetição como uma condição considerável para elucidar a temática. Na cena infantil, surge Coppelius, personificado como o homem que poderia colocar areia nos olhos das crianças que insistem em não dormir, enfrentando o pai do protagonista. Em outro momento, no estado adulto, ocorre a discussão entre o fabricante de lunetas e o professor, e ao fundo a boneca a qual o jovem se apaixona (DUNKER, 2019). Além disso, S. Freud traz o sentimento de estranheza quanto ao caminhar por uma região desconhecida e sempre retornar à rua onde havia moças nas janelas.

O animismo, de certo modo, relaciona-se com as crenças fantásticas e com o desejo infantil. Portanto, há um predomínio do desconhecido, contudo ao mesmo tempo, o medo e o fascínio pelo que não se sabe. Assim, tem-se a questão do inquietante. As crenças animistas não estão apenas articuladas à castração, revela-se também um terreno fértil para os desejos, e de certo modo, para as pulsões.

Neste contexto, C. Dunker afirma que a angústia e a cena infantil se repetem nos estados confusos e delirantes como, por exemplo, a cena da torre do relógio. Também, quando Freud traz o relato do passeio por Nápoles onde o mesmo retornava a zona de prostituição sem que houvesse uma intensão, a qual lhe causava o sentimento inquietante e um certo horror. Portanto, “a relação entre Supereu e narcisismo, assim como o desenvolvimento do sentimento de si a partir do

desamparo e da repetição de angústias infantis, seriam o caso óbvio para a reedição das teses freudianas contidas em Totem e tabu, notadamente a ideia de um retorno do totemismo infantil como matriz do complexo paterno” (DUNKER, 2019, p. 148).

No tocante à afirmação anterior, o psicanalista descreve o tipo de inquietante que se configura como um modo de violação do pacto entre realidade e fantasia, no qual o horror seria o afeto que sobressai. Os limites são indeterminados como na compulsão à repetição que atravessa caminhos geracionais. Freud, portanto, demonstra o sentimento inquietante, o totemismo paterno e o animismo narcisista a partir de uma atuação em conjunto. Por conseguinte, há a possibilidade de perda da unidade simbólica do mundo concreto ou do corpo como uma experiência e, assim, constituindo um limite indeterminado de si. Instaure-se uma espécie de violação de leis simbólicas que inquietam o pacto realidade-fantasia no sujeito (DUNKER, 2019).

Freud, no final da segunda parte de *Das Unheimliche*, explana este instante da discussão acerca das leis simbólicas:

que o efeito inquietante é fácil e frequentemente atingido quando a fronteira entre fantasia e realidade é apagada, quando nos vem ao encontro algo real que até então víamos como fantástico, quando um símbolo toma a função e o significado plenos do simbolizado, e assim por diante (FREUD, 1919, p.364).

Isto posto, expõe que o sentimento inquietante é evidente e de modo continuado quando o limite entre fantasia e a realidade é retirado, ou seja, a simbolização é insuficiente, e o sujeito entra em contato no mundo concreto sem estar amparado por uma simbolização suficiente.

Assim sendo, C. Dunker, levanta três tempos do sentimento inquietante: a fronteira fantasia-realidade é retirada ou posta em suspenso; o real aparece quando deveria permanecer oculto e faz-se conhecido; e o símbolo atribui sua realização e significa o simbolizado. Em vista disso, é compreensível que apagar os limites é negar a divisão da realidade e fantasia, sucedendo um déficit de fronteira (DUNKER, 2019).

A partir disso, depreende-se que:

O real, em contraste com a realidade, possui essa característica de ser não crível, ou seja, desafiar a nossa crença por meio de um conflito de juízos. Ele emerge de uma contradição e não apenas de um déficit de nossa percepção ou de nossa faculdade representativa. Convém insistir que se o infamiliar é um efeito de emergência do Real, isso depende de um certo plano de consideração sobre a realidade como processo, e não do mundo considerado como uma coleção de objetos constituídos ou de leis predeterminadas (DUNKER, 2019, p.152).

O autor evidencia que o Real apresentado ao sujeito, é atravessado por um juízo de valor concebido a partir de um processo simbólico de concepção da realidade. Assim, a questão que

perpassa o sujeito ao vivenciar o sentimento inquietante, não diz respeito aos recursos enquanto capacidade representativa, mas sim do surgimento do Real que até então não foi inserido na realidade como processo, pois no mundo material as leis não se dão de modo predeterminado e, nem tampouco, como objetos prontos, mas como processo.

Ademais, de acordo com o psicanalista, é possível atribuir ao animismo infantil não apenas a onipotência de pensamentos ou forças misteriosas, mas também um estado de conflito de julgamentos que desperta o sentimento inquietante. Deste modo, resulta da maturidade da razão, o acesso ao animismo perspectivado necessitando uma implicação simbólica e subjetiva na realidade material do sujeito.

No início da terceira parte de *O inquietante*, Freud começa a colocar em xeque a causa do sentimento inquietante quanto a um possível retorno do recaiado. Deste modo, Freud observa que as constatações até então levantadas perpassam uma curiosa condição:

Uma observação talvez nos aponte o caminho para a resolução dessas incertezas. Quase todos os exemplos que contrariam nossas expectativas foram tirados do âmbito da ficção, da literatura. Isso nos convida a estabelecer uma distinção entre o inquietante que é vivenciado e aquele que é apenas imaginado, ou sobre o qual se lê. (FREUD, 1919, p.368)

Portanto, o autor avança na discussão com a intenção de especificar que o sentimento inquietante vivido atravessa questões outras as quais não se dão na ficção. Assim, este apontamento reconfigura as possíveis investigações até então. No tocante ao animismo, Freud explicita que em maior ou menor grau o pensamento animista é superado, contudo o autor não expõe a possibilidade de um pleno atravessamento da crença animista. Em seguida Freud afirma:

Então a nossa conclusão seria esta: o inquietante das vivências produz-se quando complexos infantis reprimidos são novamente avivados, ou quando crenças primitivas superadas parecem novamente confirmadas. Por fim, não devemos deixar que o gosto por soluções escorregadas e exposições transparentes nos impeça de admitir que nem sempre podem ser claramente diferenciados os dois tipos de inquietante das vivências aqui estabelecidos. (FREUD, 1919, p. 371)

Neste trecho o autor reconhece que no inquietante das vivências são observadas duas configurações possíveis as quais são originadas, a princípio, pelo retorno do recaiado e pelas crenças animistas. Contudo, há uma necessidade por soluções no que tange a questão e concebe espaço para continuar a discussão sobre o sentimento inquietante.

Após isto, Freud expõe o inquietante referente à ficção exprimindo a necessidade de um debate à parte, pois abrangem condições que não condizem com experiências dadas na realidade.

Ademais, para que o sentimento inquietante surja essencialmente precisa de um conflito de julgamento que indague a superação ou não do que acreditava ser de fato real.

S. Freud na terceira parte de *Das Unheimliche* enfatiza o retorno do recaiado, para o sentimento inquietante, como uma fronteira indeterminada. Isto é, para além do que deveria permanecer oculto e retorna, o autor exprime que este retorno, em certa medida, oculta os limites daquilo que é realidade psíquica e realidade material. Em vista disso, o sentimento inquietante produz a incerteza, em um determinado instante, do que seria realidade e fantasia.

Outro ponto que o psicanalista elabora neste terceiro momento, é a insistência do sentimento inquietante que perdura no sujeito e não se resolve completamente, embora nas partes anteriores seja proposto a noção de superação do sentimento inquietante. S. Freud enuncia que na literatura determinadas narrativas poderiam ser inquietantes contudo isto não acontece por não haver uma certa tensão entre ficção e realidade. Assim, necessariamente deve-se haver um conflito de julgamento que ocorre apenas na realidade. O autor explicita:

pois para que surja o sentimento inquietante é necessário, como sabemos, um conflito de julgamento sobre a possibilidade de aquilo superado e não mais digno de fé ser mesmo real, uma questão simplesmente eliminada pelos pressupostos do mundo das fábulas. (FREUD, 1919, p. 372)

Desse modo, para que exista o sentimento inquietante é necessário um conflito de julgamento, ou seja, aquilo que supostamente estava superado é subitamente apresentado na realidade. Ademais, S. Freud avança na discussão ao expor que a literatura fantástica, apesar de não perpassar a realidade material e não possibilitar o conflito de julgamento, pode, em certa medida, contribuir para o sentimento inquietante quando desloca-se no âmbito da realidade comum. Pois, a ficção quando admite aproximação com o real, as condições da gênese do inquietante por um ímpeto mostra-se quase possível, contudo, por haver ausência da realidade, não acontece. Assim, Freud expõe:

Ele como que denuncia a superstição que ainda abrigamos a acreditávamos superada, ele nos engana, ao prometer-nos a realidade comum e depois ultrapassá-la. (FREUD, 1919, p. 373)

Portanto, quando uma obra de ficção produz um sentimento de inquietante em certa medida aproxima-se de aspectos da realidade, mas ao passo que a escrita possibilita que determinadas características sejam exacerbadas, faz com que o sujeito lide com o inquietante em si. Ou seja, o escritor leva o sujeito para a realidade e, em seguida, ultrapassa o real.

As narrativas fantásticas, de certo modo, assim como a psicanálise, cumprem a função de permitir que o sujeito transforme sua miséria neurótica em miséria comum (FREUD, 1895). Isto é, surge a possibilidade do sujeito elaborar certas fronteiras inconsistentes a partir de outros discursos e outros mundos possíveis dado pela palavra. Quando a miséria neurótica prevalece diante do surgimento do sentimento inquietante, o sujeito utiliza de crenças estabelecidas e positivadas socialmente para inferir que o outro “é do mal”, demoniza-o e deduz que não deveria existir. Com o empobrecimento simbólico da vida, o sentimento inquietante torna-se demasiadamente incompreensível e árduo na realidade e como via sintomática e concreta torna-se a condição da possibilidade do exercício de inúmeras violências, consigo e com o outro.

Ou seja, utilizam-se da projeção por meio de ações e discursos que invalidam e aniquilam o outro como forma de proteger-se do sentimento inquietante. Pois, o inquietante traz notícias de um determinado momento da vida onde as certezas foram postas em suspenso não tendo conhecimento o suficiente para discernir o que de fato é real. S. Freud insiste, todavia, que o elemento da incerteza caracteriza o que é humano e, de alguma maneira, antecipa o conceito da pulsão de morte, pois de algum modo vincula-se ao outro, ao que insiste e retorna no sujeito.

## **CAPÍTULO 2**

### **2. INQUEERTANTE DISCUSSÕES CONTEMPORÂNEAS**

#### **2.1 A LENDA DO CORPO ESQUISITO E INQUEERTAÇÕES**

*“Vou te contar a lenda da bixa esquisita*

*Não sei se você acredita ela não é feia... (nem bonita)*

*Mas eu vou te contar a lenda da bixa esquisita*

*Não sei se você acredita ela não é feia... (nem bonita)*

*Ela sempre desejou ter uma vida tão promissora*

*Desobedeceu seu pai, sua mãe, o Estado, a professora*

*Ela jogou tudo pro alto*

*Deu a cara pra bater (...)*

*Sabe que pra ter sucesso não basta apenas estudar (...)*

*Eu tô bonita? - Tá engraçada.*

*Eu não tô bonita? - Tá engraçada.*

*Me arrumei tanto pra ser aplaudida mas até agora só deram risada.*

- Ah tá bem engraçada, amor.

- Ai para vai. (...)"

- Linn da Quebrada, em *A lenda* (2017)

No que se refere às discussões atuais, é relevante em um primeiro momento, indagar acerca do conceito de abjeto. Por que sujeitos queers são tidos enquanto corpos abjetos? Qual a relevância de se pensar o inquietante na cultura contemporânea? Por que cada vez mais é vivenciado como violência, na cultura cisheteronormativa, a angústia do inquietante, própria à dimensão humana? Elencar essas questões é primordial para a compreensão do *inqueertante*.

Deste modo, no intuito de prosseguir e aprofundar as indagações acerca da temática, sucederá breve reflexões sobre o trecho da canção *A lenda* de Linn da Quebrada, com a finalidade de exemplificar determinados momentos do capítulo que serão oportunos. Desta forma, é significativo considerar por que corpos queers, de algum modo para a cultura cisheteronormativa, são concebidos (ou há um desejo que seja) como uma lenda ou como uma fábula? Por que para a cultura cisheteronormativa é relevante censurar as narrativas queers e quais mecanismos possíveis são executados para impor uma suposta ordem imperativa que promove e alicerça a cultura hegemônica?

Assim, para o entendimento da razão pela qual sujeitos queers são reconhecidos pela cultura hegemônica enquanto corpo abjeto, retomo ao sentimento de *unheimliche*, elaborado por Freud em 1919, o qual elenca a figura de um duplo vertiginoso, aterrorizante, a um elemento questionável que provoca no sujeito o sentimento de inquietante à proporção que realiza um conflito nos limites entre o sujeito e o outro. O duplo ao se aproximar de tal forma perturbadora, faz o sujeito ter o sentimento de que a qualquer momento pode-se vir a ser inquietante (LIMA, 2017). De acordo com S. Freud (1919), isso ocorre, em certa medida, porque desencadeia algo no sujeito que nem o mesmo é reconhecido em si. Desta forma, é levado a projetivamente, a reconhecer como estranho o que está para além de seus próprios limites, tantas vezes, transferindo-o para um outro. (LIMA, 2017)

Desta maneira, o corpo queer é reconhecido pela cultura hegemônica como sendo da ordem do horror, do abominável e de algo que não deveria integralizar na sociedade,

permanecendo, assim, sempre à margem, ou seja, nas periferias. Além disso, a cultura utiliza de diversos mecanismos para marcar a violência contra os sujeitos queers sendo o riso, o deboche e o menosprezo alguns dos meios para manter o afastamento dos que supostamente causariam o sentimento *inqueertante* na cultura.

Quando Linn, na canção *A lenda*, pergunta se está bonita, e respondem que está engraçada, o engraçado marca uma velada ironia de que não há absolutamente nada de engraçado. O cômico retratado na canção está exprimindo o sentimento de horror, de abjeção, de *inqueertante* para a cultura cisheteronormativa. A bicha não ser feia e nem bonita, é um exemplo que na cultura cisheteronormativa falta adjetivo para a bicha, por exemplo, falta um nome que simboliza e que concebe as fronteiras que dão significado em relação aos corpos, que para sujeitos hegemônicos, deveriam permanecer ocultos, contudo, aparecem e causam o suposto sentimento cômico, que se dá pela via do horror. Ou seja, há um furo na cultura, há uma insuficiência de significados para o existente, embora não simbolizado, estabelecendo, assim, limites frágeis, tênues e precários na cultura hegemônica a respeito dos sujeitos queers, o que provoca diversas formas de violência, desde a física à violência simbólica.

No que se refere à angústia na cultura cisheteronormativa, dado a inconsistência rígida das fronteiras hegemônicas:

A aparição desse abjeto nos relança ao enigma instaurador da subjetividade: Che vuoi? O que o Outro quer de mim? O que sou perante o olhar do Outro? Pergunta fundante que só pode ser respondida dentro de uma estrutura de ficção denominada de fantasia: uma suposição acerca do desejo do Outro sobre mim mesmo, um movimento que irá inaugurar a história do sujeito. Uma vez que não há Outro do Outro, isto é, que não há garantia para o desejo, essa resposta sempre será contingencial, atravessada por uma inconsistência ontológica, pelo furo que, a um só tempo, fundamenta e exige uma invenção subjetiva a contorná-lo (LIMA, 2017, p.477).

Isto posto, dado a cena do inesperado em que cada sujeito é constringido a performar seu gênero, será a fantasia que irá produzir um itinerário para atenuar a angústia, a partir, por exemplo, das criações normativas do que deve ser percebido e concebido enquanto homem cisgênero e mulher cisgenero. Assim, o roteiro sucede de modo singular, contudo inúmeras vezes, constitui requisitos com os quais o eu do sujeito, de forma defensiva, não consegue manejar, “optando” em não conhecer seu próprio desejo inquietante (LIMA, 2017).

Portanto, o sujeito é capaz de pressupor que o que o outro espera dele seja algo que condiz numa expectativa padronizada de performar o gênero. Esse mecanismo defensivo ocasiona em implicações violentas quando o sujeito engendrado na cultura hegemônica, percebe

que o outro não assemelha-se a sua imagem narcísica. Logo, se opõe a abjeção que, aos seus olhos, seria constitutiva apenas do outro e jamais de si. Assim, é possível sustentar que a presença dos sujeitos queers abala as respostas inquietante constituídas pelos sujeitos que foram repetidamente estruturados sob os arranjos da cultura e modos de subjetivação hegemônicos, logo, cisheteronormativo (LIMA, 2017).

Por conseguinte, o eu desses sujeitos a partir da história de suas próprias fantasias, diante das demandas de seu próprio desejo, não pode se sustentar sem angústias. Além do mais, arcar com a aparição do inquietante, que para a racionalidade cisheteronormativa é monstruosa e, beira ao desumano, provoca-lhes horror no atravessamento do pulsional, que não se esgota nas rígidas formas da cultura heteronormativa, ou seja, os sujeitos se deparam com as tensões das fronteiras do próprio humano (LIMA, 2017). Portanto, o inquietante é inerente a todos de modo que não há saídas. Em certa medida, a precariedade da constituição do eu e a ilusão de uma identidade rígida é constituinte e constitutiva do ser humano. Contudo, faz-se presente de modo mais acentuado nos sujeitos cisheteronormativos.

Se essa identidade narrada pelo eu é tão arduamente conquistada a partir do longo processo de tornar-se sujeito e de fazer-se um eu, podemos compreender melhor a maneira com que a aparição inquietante do abjeto causa angústia. Isso porque a angústia está sempre ligada a uma perda, isto é, a uma transformação do eu (LIMA, 2017, p.477)

Dessa maneira, a familiar estranheza e a angústia que são formadas pela aparição do abjeto encaminha possíveis modificações, em certo modo, à imagem do eu. Ou seja, alterações vertiginosas fazem estremecer as formalidades identitárias de determinados sujeitos engendrados pelo modo de subjetivação cisheteronormativo. A possível ameaça de ruptura com a imagem de si, indica, assim, os supostos riscos da flexibilidade e inconstância da identidade (LIMA, 2017).

Contudo, o gênero é uma construção contínua que perpassa a cultura, representa uma certa estrutura identitária que sustenta o sujeito que sempre está em constituição, pois não há um sujeito pronto. Muito embora a cisheteronormatividade tente a qualquer custo estabelecer rigidamente normais culturais de determinar as construções identificatórias. Assim, a constituição do Eu advém de referenciais identificatórios, que em um primeiro momento, representam o lugar em que a criança está no desejo em relação à pessoa que lhe concebe a vida psíquica (Barreto; Ceccarelli, 2015).

Ademais, o Eu é essencialmente um Eu corporal, contudo, não apenas o que perpassa na superfície, mas também, há uma projeção em relação a esta superfície. Ou seja, a superfície é formada a partir de investimentos narcísicos parentais que se dão antes mesmo do nascimento.

Além disso, as construções identitárias do Eu não dependem de aspectos biológicos, pois a corporeidade narcísica é organizada a partir de inscrições fantasmáticas e seus respectivos arranjos pulsionais e, também, pelo atravessar da linguagem (Barreto; Ceccarelli, 2015).

Deste modo, é possível compreender que quando o sujeito, de algum modo, sente sua fixidez identitária do eu ameaçada, surge uma força libidinal de autoconservação:

Esse esforço constante refere-se — não tanto à preservação de um ente biológico, mas — à conservação, a qualquer custo, de uma imagem de si mesmo, de determinada narrativa sobre si, que é investida libidinalmente pelo sujeito. O que, então, depende de toda uma história de identificações e contingências vividas por cada um, gerando uma série de defesas pretensamente identitárias que o eu se encarrega de bancar (LIMA, 2017).

Diante disso, a partir do momento que o eu se coloca como defesa diante das pulsões, desencadeia um investimento de conservação narcísica em relação a imagem a qual se identifica. Ademais, a pulsão comparece e gera angústia no sujeito cisheteronormativo, portanto, o inquietante, como porta-voz da angústia, assinala o caráter angustiante por transmitir um suposto perigo (LIMA, 2017).

Portanto, o sentimento *inqueertante*, é um sentimento de angústia vivido, principalmente, pela cisheteronormatividade por apresentar, em certa medida, um perigo decorrente da ordem do pulsional. Compreende-se tal perigo como uma força realizada pela indeterminação que reside em todo sujeito, sendo este sujeito do inconsciente atravessado pela linguagem (LIMA, 2017).

Na cultura hegemônica, geralmente, há a tendência de unir o que produz o inquietante ao abjeto. Desse modo, em diversos níveis possíveis, abre espaço para a violência quando deparam-se com sujeitos *queers* e também, paralelamente, segue “desconhecendo o *Unheimliche* que também os habita” (LIMA, 2017, p. 479). É relevante pontuar que o inquietante não suscita horror apenas na cisheteronormatividade, pode também ser vivido inclusive pelos sujeitos *queers*, mas uma quantidade bem menor comparada aos sujeitos engendrados à cultura hegemônica. “A violência surge apenas como uma das maneiras possíveis de lidar com esse elemento do estranho, que comparece, em verdade, como pano de fundo do humano, para além de toda norma” (LIMA, 2017, p. 479).

No que se refere ao desencadeamento da angústia, advém majoritariamente do sentimento de desamparo psíquico advindo, sobretudo, da experiência que não deixa de ser traumática. Por essa razão, o eu se esforça em compreender e lembrar um trauma já experienciado de modo passivo, ou seja, no intuito de reproduzir um sentimento conhecido e desenhar o próprio percurso.

Contudo, o perigo anunciado pelo pulsional em ofuscar o caminho pelo simbólico e dispersar as narrativas imaginárias que conduz o eu do sujeito, é transformado em violência (LIMA, 2017).

Isto ocorre, porque a pulsão quando experienciada intensamente de modo indeterminado, corrompe as delimitações identitárias. Contudo, quando o eu do sujeito não suporta a angústia por meio do simbólico, esta particularidade é posta em ofensas, deboche, agressões, assassinatos e diversas outras violências. A indeterminação, ou seja, a falta de simbolização pela cultura canaliza o ódio e acarreta diversas agressões a grupos que não são pertencentes hegemonicamente. A cisheteronormatividade, de modo geral, aniquila não apenas os corpos contra-hegemônicos como também suas representações, cultura e todo um conjunto simbólico pertencente à margem.

Desta maneira, os sujeitos *queers* exigem reconhecimento enquanto sujeitos, enquanto ser social, um ser portador de uma cultura, de desejos, de sonhos outros, que não são esses estabelecidos pela cultura cisheteronormativa. Há, assim, reivindicações de legitimidade, de oportunidades que asseguram a vida e o reconhecimento enquanto sujeitos.

Portanto, a existência do corpo político gera algo da ordem do *inqueeretante*, inclusive, é relevante que exista o afeto. Pois, o *inqueeretante*, na verdade, não exprime algo proveniente da travesti, por exemplo, mas evidencia antes um elemento da ordem da cultura e da contrariedade na cisheteronormatividade em lidar com o duplo, com o outro e, consigo mesma. De certo modo, sucede uma difícil passagem para compreender o sujeito que é estranho por ser um tanto familiar.

Por exemplo, a travesti em si não é inquietante. Embora, enquanto corpo político, ela possa ou não, despertar esse sentimento do *inqueeretante*. A princípio, isso não seria uma questão. O real impasse referente aos sujeitos contra-hegemônicos, é o fato de que a cultura converte o que é da ordem da diferença, do estranho e do conflito, em objeto de ódio como forma de ilusoriamente sustentar a ilusão de uma identidade fixa e imutável. Assim, a diferença entre o que é subjetivo e do ponto de vista social exerce uma representação e, portanto, uma potência política.

## 2.2 A URGÊNCIA DO SIMBÓLICO NA CULTURA CISHETEROMATIVA

Para tornar mais evidente os rumos do porquê são imprescindíveis certos atravessamentos simbólicos na cultura cisheteronormativa, é necessário neste momento dar a devida atenção a figura do duplo que Freud discorreu em *Das Unheimlich*. Por que o inquietante em nossa cultura

tende a se converter em horror, abjeção e negação da alteridade? A fim de que o sentimento *inqueetante*, em certa medida, suporte satisfatoriamente determinadas angústias no tocante aos limites que compõe a relação entre o sujeito e o objeto, é preciso compreender que em um primeiro momento no âmbito da própria constituição subjetiva existia uma aproximação ao que é *inquietante*, ou seja, desconhecido pelo sujeito. Contudo, com a repressão pela via da cultura, os sujeitos *queers* tornaram-se da ordem do horror e da abjeção.

Nesse sentido, o *inqueertante* é notoriamente uma experiência de um afeto que, embora possa suscitar horror inclusive na própria comunidade LGBTQIA+, advém majoritariamente nos sujeitos cisheteronormativos, que em sua maioria, se amparam incondicionalmente nos moldes da cultura hegemônica. Em vista disso, no que se refere ao sentimento *inqueertante*, este é um sentimento que

aponta e denuncia a fragilidade de nossa inconsistência como sujeitos, na qual uma alienação em uma consistência identitária supostamente nos salvaria da morte. Para Julia Kristeva, em seu livro *Poderes do horror* (1982), o abjeto não é sujeito nem objeto, é uma espécie de primeiro não Eu, uma negação violenta que instaura o Eu, como se fosse uma fronteira. Portanto, o abjeto é a manifestação dessa violenta cisão que delimita a fronteira entre o eu e o outro, ocupando um espaço próprio. (PORTO, 2016, p.160)

Sendo assim, Tiago Porto aponta o sentimento de abjeção como uma “trama torcida de afetos e pensamentos que não têm objeto definível”. Compreende-se o *inqueetante* enquanto uma penosa cisão e qualquer possibilidade de significação é suprimida destacando-se somente o afeto da ordem do horror, do medo e angústia. Por conseguinte, este afeto constitui-se enquanto defesa em oposição a essa suposta ameaça desmedida, que em outro momento apresentou de modo fascinante (*heimlich*), ou seja, era uma presença que de certo modo era aceita e sem receios, no entanto quando retorna, escapando da repressão, é vetada e rejeitada (*unheimlich*) e, portanto, repulsivo e aterrorizante (PORTO, 2016).

No tocante ao sentimento de abjeção proposto por Kristeva, é uma manifestação mais primitiva da economia psíquica e que decorre de um recalque originário, ou seja, antecedente ao Eu (PORTO, 2016). Assim, o sentimento abjeto, que de certo modo remonta e coincide ao sentimento *inqueertante*, é uma espécie de não sentido que frequentemente atravessa a cultura cisheteronormativa e que escapa. Geralmente, essa dinâmica evidencia demasiadamente o interesse e o estranhamento que põe o sujeito em suspenso (PORTO, 2016).

Julia Kristeva discorre que a abjeção perpassa, sobretudo, a função materna, sendo um dos modos mais notórios e mais remoto, a recusa da comida, o cuspe ou o vômito pela criança.

Pois, “tudo que antes era parte de nosso corpo investido e é expulso por ele, como fluídos, pele e unha, torna-se prontamente abjeto” (PORTO, 2016). Por consequência, o sentimento inqueertante na cultura cisheteronormativa, em certa medida, retorna ao domínio de um momento pré-simbólico, do qual, repetidamente, decorrem inúmeros impulsos que persistem, o que revela, portanto, os precários limites dos sujeitos atravessados pela cultura.

Sendo assim, o sentimento inqueertante provoca demasiadamente um confronto a suposta coesão identitária na cultura cisheteronormativa que, de algum modo, provoca furo nas condições que até então encontravam-se comodamente estabelecidas. Desse modo, diante do evidente desconforto abarcado por uma cultura hegemônica que não encontra outros destinos para o *inqueertante que não a violência*, passa-se a tomar forma a passagem ao ato de diversas violências contra os sujeitos queers como resposta a intolerância dessa abjeção:

A abjeção se amplia para além do indivíduo e toma corpo em sua dimensão política. Para que os grupos, com seus corpos passíveis de vidas que importam, sustentem suas vidas frágeis e suas identidades enganosas, torna-se necessário que expulsem e neguem os grupos com seus corpos abjetos. A ideia de que para determinadas existências serem reconhecidas e, portanto, serem enquadradas como vidas de valor, que outras tantas vidas que não importam devem ficar do lado de fora dessa moldura. (PORTO, 2016, p.161)

O autor elenca a concepção de J. Butler de que determinados sujeitos não são reconhecidos enquanto vidas possíveis de existir. Ou seja, todo corpo que ultrapassa os rígidos limites da cultura cisheteronormativa de algum modo experiencia a vida à margem, a partir de lugares os quais não são assegurados as condições básicas para gozar uma vida digna. Além disso, torna-se praticamente nula a possibilidade de um sentimento de pertença aos espaços compreendidos enquanto hegemônicos, pois majoritariamente são hostis, violentos em suas inúmeras facetas e, portanto, segregadores.

Desse modo, a cultura cisheteronormativa impõe aos corpos *queers* o lugar da abjeção, ou seja, estes não gozam do *status* de sujeito pela cultura hegemônica. Contudo, viver a partir da significação do que supostamente não pode ser experienciado é significativamente necessário, pois é a partir da significação das experiências de si que as fronteiras são realizadas (PORTO, 2016). Neste sentido, o próprio existir, enquanto corpo político, foi substancialmente negado à própria percepção de sujeito pela cultura hegemônica. É, portanto, somente dando significado às vidas *queers* que abrem-se possibilidades de existir.

Além disso, é extremamente relevante a existência dos corpos que provocam o *inqueertante* na cisheteronormatividade, pois é fundamental que haja uma certa provocação na

constituição do Eu supostamente coesa e aconchegante, que perpassa uma ideia alienante de si (PORTO, 2016). Logo, os corpos hegemônicos se constituem a partir de um sistema de regras na cultura que protegem seus rígidos limites do Eu.

Butler explana que persevera um determinado repúdio da cultura cisheteronormativa em relação a qualquer articulação com outras matrizes culturais que se constituem para além dos seus limites. Sendo assim, ocorre uma maior uniformização dos corpos e condutas e, por conseguinte, uma maior intolerância que acarreta na exclusão dos sujeitos à margem da cultura hegemônica. (PORTO, 2016)

No que se refere às duras fronteiras da cultura cisheteronormativa, é relevante ressaltar que há diversos mecanismos que impõe delimitações que estabelecem a humanidade de determinados corpos e seus processos de assujeitamento. Esta mesma cultura decreta e estabelece as leis que normatizam e institucionalizam os corpos que, de fato, têm direito à vida e devem viver e as vidas que devem ser apartadas da cultura.

Deste modo, as normas que estabelecem e favorecem as relações que são inclusivas e excludentes determinam a organização de sentido que rege e mantém o sujeito cisheteronormativo. Sendo assim, os sujeitos cisheteronormativos, em regra, embora sejam afetados pelo que é desconhecido, tendem notoriamente, a não deixar que os corpos hegemônicos se afetem com o que o que não conseguem nomear imediatamente, retirando qualquer possibilidade de ofertar um sentido ao que é estranho. (PORTO, 2016)

Sob este ponto de vista, a sociedade cisheteronormativa ao não estabelecer oportunidades, e leis com medidas severas que assegurem suas implementações, perpetuam, deste modo, a constituição que intui o afeto de abominação aos corpos *queers* e torna-se insuficiente a possibilidade de criação de sentidos para além do que intransigentemente institucionalizado. Em suma, o que é positivado enquanto lei favorece o afeto de horror e nega a possibilidade de dar vida e nome, ou seja, sentido aos corpos considerados abjetos.

A inquietação vivenciada pelos corpos considerados padrão na sociedade cisheteronormativa advém sobretudo da performatividade de gênero que torna abjeto o que não se enquadra nos próprios padrões de normatividade. Para enunciar acerca de performatividade de gênero retomemos à concepção butleriana:

os atos, as práticas e os discursos que se reiteram e que, por essa repetição, constroem realidades passíveis de compreensão. Para ela o sujeito está sempre em processo, construindo-se pelos atos e discursos que executa. Essa identidade performática faz parte de uma matriz discursiva que produz corpos e dita certas normas por meio de

identidade “coerentes” que tentam se apresentar homogêneas, inseridas em uma matriz cultural normatizada, e que, contudo, não são totalitárias, pois não conseguem abranger todos os indivíduos. (PORTO, 2016, p.163)

Nesta perspectiva, as práticas e discursos cisheteronormativos se repetem e se consolidam no intuito de estabelecer garantias de quais corpos e quais realidades são dignas de poder existir. Ademais, constrói-se, assim, uma performance homogênea que configura quem tem acesso a determinados espaços.

No entanto, os corpos que resistem e subvertem as normas, concedem outras perspectivas para si e outros atravessamentos culturais. Em alguma medida, também produz simultaneamente exclusão de elementos que não comportam uma determinada identificação cultural (PORTO, 2016). Deste modo, compreende-se que não existe neutralidade enquanto característica de uma performance de gênero, pois todos os corpos são atravessados por narrativas e por uma determinada cultura que de algum modo exprime suas possibilidades e seus possíveis riscos por existir:

Fala-se de uma necropolítica, ou seja, uma “política da morte”, pois há a fusão entre o extermínio das vidas descartáveis e o desejo de intimidar por meio deste ato. O assassinato ultrapassa o âmbito da necessidade e torna-se elemento constitutivo da soberania estatal. Nesse sentido, o Estado é soberano não apenas porque tem permissão para matar, mas porque sua soberania deseja essas mortes, não apenas as permitindo. O temor que isto acarreta é ferramenta estatal que atua na manutenção do grupo soberano, física e simbolicamente resguardado. (RUIZ, 2020, p.5)

Desta forma, é possível compreender que os sujeitos que representariam, em tese, aos corpos dominantes, a abjeção, como por exemplo os corpos *queers*, não apenas existem enquanto corpos que performam e discursivamente se dão por outras narrativas, mas também, resistem diante de uma política de extermínio velada e positivada através da lei:

Segundo os últimos dados sistematizados pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA, 2019), o país foi aquele em que mais morreram, no mundo, pessoas travestis e transexuais, sobretudo em função da ocorrência de práticas de transfobia e transfeminicídio. Só no ano de 2018 foram 163 mortes registradas, mais do que o dobro do México, o segundo país que mais mata travestis e transexuais. (NOLASCO, 2020, p.206)

Os dados demonstram fatidicamente que corpos de pessoas trans, travestis, sapatões, viados e outras diversas performances de gênero, além de serem excluídos da cultura hegemônica, são arduamente perseguidos e eliminados. Esses corpos, que a partir de suas diferentes fronteiras, diferentes das que são familiarmente acolhidas, desejam que em algum momento sejam percebidos enquanto sujeitos, que existam políticas públicas que de fato

assegurem suas vidas e que haja possíveis diálogos entre culturas para que existir seja cada vez mais possível.

Assim, para construir possíveis pontes para que o sentimento *inqueertante* seja, em alguma medida, elaborado é preciso molduras menos rígidas na cultura cisheteronormativa. Desse modo, o retorno do estranho e o sentimento do duplo seria possível e os afetos da ordem do horror seriam menos intensos, para que enfim, pudessem ser de algum modo atravessados, simbolizados de outro modo que não na exclusão e no rechaço à diferença. Portanto:

o caminho entre esse sonho de paz e a dor de nossa inconsistência identitária não consegue se reduzir a qualquer compreensão formal da intolerância. Fazendo-se assim ainda útil o questionamento permanente dos lugares identitários cristalizados, pois essa ação talvez organize esse caminho e nos permita aproximar minimamente desse quadro de tensão, por ser ele há muito tempo reconhecido por nós no campo da experiência analítica, na vivência da tensão entre aquilo que pode ser dito, representado e interpretado, e aquilo que se cala e faz confundir os limites do corpo e da psique. (PORTO, 2016, p. 165)

Deste modo, é possível compreender que as fragilidades das fronteiras que se estabelecem entre o sujeito e o outro produz afetos de intolerância ao diferente do que é culturalmente concebido hegemonicamente. Por conseguinte, compreender os limites da respectiva opacidade que, , estão presentes ao sujeito abre-se novos caminhos possíveis para alçar outras formas de vida. Assim, torna-se viável “outros circuitos de afetos, que permitam outras montagens libidinais e que, no horizonte, abram caminhos para tornar produtivas as experiências improdutivas de indeterminação que apresentam os sujeitos com o eu produzido dentro da hegemonia” (LIMA, 2017, p.482).

Com isso, é perceptível que a partir de novas maneiras de vida, os sujeitos possam compor as esferas sociais com menos sofrimentos de determinação, sendo mais habilidosos em lidar com a angústia do *inqueertante*. Assim, “será possível, quem sabe, minimizar a saída da violência como resposta àquilo que desafia uma gramática normativa e positiva de reconhecimento” (LIMA, 2017, p.482).

Isso porque as figuras atuais do humano, enquanto produzem a norma e a abjeção a partir de uma matriz de heterossexualidade compulsória, de uma hegemonia heterossexual, fazem com que a constituição psíquica seja tão normativamente traumática, pela via da determinação identitária, que o aparecimento do indeterminado, sob a forma do estranho-familiar, só pode ser experienciado improdutivamente como abjeto (LIMA, 2017, p.482).

Contudo, quando a identificação egóica não compreende o sujeito queer, pelo encontro do que é considerado abjeto, imediatamente não é tão necessário que se converta em medo, é de todo modo possível que se estimule um reconhecimento de desamparo que, de certa maneira, preenche

o humano. A vivência da vacilação da identidade causa demasiada angústia, porém não há necessidade de tornar-se em um medo desmedido, sendo este, um sentimento propulsor de diversos modos de violências (LIMA, 2017). Pode-se, a partir de outras vias culturais e materiais, tornar possível modificar e recriar o reconhecimento do sentimento de desamparo.

Todo esse movimento não é sem objetivo: fundar outras figuras do humano, que reconheçam o fundo negativo de opacidade que reside em todos nós, um caminho possível para que a violência não seja a via de resposta cultural hegemônica; para que o abjeto não seja a tradução para a indeterminação do estranho; e para que os limites entre a norma e a abjeção, isto é, os limites do humano, possam ser reconfigurados, reterritorializados. (LIMA, 2017, p.482)

Por tal razão, nos modos hegemônicos de vida, majoritariamente, o sujeito privilegiado ao sustentar a racionalidade da cisheteronormatividade, suporta a qualquer custo a imagem de si, realizando um significativo investimento libidinal narcísico que torna árdua qualquer deslize da rígida identidade estabelecida. Geralmente, “nossos modos de vida tentam desconhecer o sujeito do inconsciente, reduzindo o sujeito ao indivíduo, à pessoa, ao eu, gerando forte sofrimento de determinação, por uma visão excessivamente simples e reducionista do que é o desejo e do que é o sujeito” (LIMA, 2017, p. 482).

Deste modo, é fundamental remontar o desamparo enquanto afeto político, num viés mais atento à negativa e à indeterminação que habita o sujeito. Numa perspectiva da materialidade histórica, questiona-se: como o afeto da ordem do horror e do *inqueertamento* é intensificado a tal dimensão de modo a produzir necropolítica? Por que é tão intensificado, também, os discursos de extermínio e violência contra a população LGBTQIA+?

Isto ocorre, em alguma medida, pela cultura cisheteronormativa enquanto narrativa hegemônica, que vincula-se sempre ao modo de produção material da realidade, nesta particularidade histórica, do modo de produção capitalista. Pois, a exclusão de oportunidades produz não apenas narrativas que são marginalizadas, mas também uma materialidade excludente e uma profunda desigualdade social.

Regularmente, no sistema engendrado ao capitalismo neoliberal, o sujeito, por diversas vezes, não é possibilitado a perceber o outro, porque não se percebe como produtor e produto das relações sociais estabelecidas no meio o qual se constitui. Portanto, a visão sobre si próprio enquanto sujeito pertencente a uma comunidade, concebido a partir das relações estabelecidas, torna-se precária. Logo, a percepção de si é comprometida, de algum modo, de forma que o sujeito se produz como indivíduo e, contraditoriamente, se aliena de sua dimensão subjetiva.

Dessa maneira, o sujeito se concebe enquanto mercadoria, embora contraditoriamente não se perceba enquanto máquina, embora inserido em um contexto desumanizado, sem direitos e de modo precário de trabalho. Os meios de produção na cultura cisheteronormativa, também de algum modo transformam esses sujeitos em mercadoria. Por conseguinte, não se percebendo enquanto sujeito, obter a compreensão do outro torna-se, geralmente, inviável.

Isso posto, reitera-se de insistir na pergunta sobre como a intensidade do horror, nos sujeitos cisheteronormativos, articula-se com a demasiada intensidade de agressões e violências engendradas em uma cultura que não se permite a simbolização do horror. Portanto, a cisheteronormatividade não simboliza o que inquieta, se em alguma medida é realizado, ocorre de modo insatisfatório, de modo violento. Pois, quando o símbolo aparece no lugar do simbolizado, ou seja, quando o sujeito *queer* surge diante da cisheteronormatividade, se torna alvo a ser eliminado e apartado dos espaços hegemônicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sujeitos *queers* por serem enormes, em toda suas riquezas de identificações, vivem seus percursos de vida e suas potencialidades de si em meio aos entraves do discurso hegemônico que reverbera o anseio de invalidá-los. Regularmente, são invisibilizados na mídia, na literatura, nas posições de poder, nos espaços da cidade e, sobretudo, no discurso.

A temática fez-se de extrema relevância em minha trajetória no tocante a pesquisa, pois compreender, em certa medida, um corpo que por vezes suscita o *inqueeretante* na cisheteronormatividade é entender as múltiplas agressões que nos atravessam. E de certo modo, gera fragmentações no que se refere aos processos de assujeitamento em sujeitos *queer*, também.

A palavra *queer*, do Inglês, estranho, é considerada, para o discurso hegemônico, como um termo que não deve ser pronunciado, em certa medida, produz um incômodo significativo para os corpos que performam uma suposta cisheteronormatividade. Desse modo, há um evidente mal-estar, a despeito das representações que abarcam os sujeitos *queers*, para corpos que reproduzem o discurso dominante.

Tem-se como problema de pesquisa violência aos sujeitos *queers*, patologização, apagamento simbólico, produções insuficientes na literatura acerca da temática. Deste modo, porque as pessoas *queers* tornam-se para além do inquietante, mas também corpos abjetos?

Conforme os dados alarmantes de violência contra pessoas trans, por exemplo, constata-se o fato da extrema violência contra essas sujeitas. Logo, conclui-se que a luta por direito à vida de sujeitos queers, é uma das bandeiras do movimento LGBTQIA+ no Brasil e do mundo como via estratégica de garantia de direitos e políticas públicas. Pois, no que se refere aos dados e estatísticas governamentais a violência e a invisibilidade ainda permanecem.

Por fim, o sentimento *inqueertante* é a insistência do sentimento inquietante que perdura no sujeito e não se resolve completamente. Na cultura hegemônica, geralmente, há a tendência de unir o que produz o inquietante, o sentimento da ordem da estranheza, ao abjeto. Desse modo, em diversos modos possíveis, a cisheteronormatividade abre espaço para a violência quando deparam-se com sujeitos *queers* e também, paralelamente, segue sem conhecer o inquietante em si.

Em suma, o *inqueertante* não suscita horror apenas na cisheteronormatividade, pode também ser vivido inclusive pelos sujeitos *queers*, mas uma quantidade bem menor comparada aos sujeitos engendrados à cultura hegemônica. Assim, para construir possíveis pontes para o sentimento *inqueertante* e, em alguma medida, desintensificar a abjeção posta pela cultura, é significativo elaborar molduras menos rígidas na cisheteronormativa.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BARRETO, Ocilene Fernandes; CECCARELLI, Paulo Roberto. Entre o Eu e o corpo... um estranho: reflexões sobre as transexualidades. **Reverso**, v. 37, n. 69, p. 113-119, 2015.

BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade (1990). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, Judith. Inversões sexuais. **Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade. Belo Horizonte: Autêntica**, p. 91-108, 2008.

CHAVES, Paula. O movimento queer: pluralização de corpos, gênero e identidades, 2015.

DE JESUS, Jaqueline Gomes. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião, v. 2, p. 42, 2012.

DUNKER, Falando Nisso. **Das Unheimliche, o infamiliar**. Youtube, 2019. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=DKaTQfUjD\\_Y](https://www.youtube.com/watch?v=DKaTQfUjD_Y)>. Acesso em: 20 fev. 2022.

DUNKER, Christian. **Animismo e Indeterminação em “Das Unheimliche”**. Autêntica, 2019.

FREUD, Sigmund. **O inquietante [Das Unheimliche]**. Companhia das Letras, 2010.

QUEBRADA, Linn. A lenda. Youtube, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=k4DpkHftQJg>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

QUEBRADA, Linn. Oração. Youtube, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=y5rY2N1XuLI>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

LIMA, Vinícius; VORCARO, Ângela. O estranho como categoria política: psicanálise e teoria queer. v. 22, n. 3, p. 473-484, 2017.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. Sociologias [online]. 2009, n. 21 [Acessado 14 Março 2022] , pp. 150-182. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-45222009000100008>>. Epub 23 Jun 2009. ISSN 1807-0337. <https://doi.org/10.1590/S1517-45222009000100008>.

MILLER, J-A. (2013) El ultimíssimo Lacan. Buenos Aires: Paidós, p.158. N.T.: Versão em português: MILLER, J-A. (2009) Perspectivas do Seminário 23 de Lacan: O sinthoma. Rio de Janeiro: Zahar, p. 167.

MORERA, Jaime Alonso Caravaca; PADILHA, Maria Itayra. Representações sociais do sexo e gênero entre pessoas trans. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 70, p. 1235-1243, 2017.

NOLASCO, G. L. P.; LOPES, Z. DE A.; ARRUDA, D. DE O. “Ela é boa de cuspir, maldita Geni!?”: reflexões sobre violências contra os corpos dissidentes de travestis em Campo Grande/MS. Revista Ártemis - Estudos de Gênero, Feminismos e Sexualidades, v. 29, n. 1, p. 205-221, 17 jul. 2020.

PORTO, Tiago da Silva. A incômoda performatividade dos corpos abjetos. **Ide**, v. 39, n. 62, p. 157-166, 2016.